



Faça a Diferença

ANO 02 | Nº 2 | 2020

Desigualdades
sociais

Vivendo em tempo
de liberdade religiosa

A universal
bondade de Deus

AMAI-VOS!



DIAS 1-3 DE MAIO NA SUA IGREJA



Expediente:

Supervisão Geral: Edson F. Barbosa
e Ozil C. Fernandes (líderes do
Departamento de Assistência Social das
União Norte e Sul Brasileiras)

Gerente geral: Joel Ramos da Silva

Gerente financeiro: Elson Wittmann Agoeiro

Gerente de produção: Nemias Prado

Revisão e copidesque: Dorval Fagundes

**Impresso na oficina gráfica
das Edições Vida Plena**

Rua Flor de Cactus, 140, Itaquaquecetuba (SP),
CEP 08597-640.

E-mail: atendimento@emvp.com.br


**vida
plena**



ÍNDICE

Desigualdades Sociais

04

1º de maio de 2020 (sexta-feira)

Amai-vos

07

2 de maio de 2020 (culto divino)

Vivendo em tempo
de liberdade religiosa

10

2 de maio de 2020 (sábado à tarde)

A universal bondade de Deus

14

3 de maio (domingo)

Desigualdades Sociais

Por Sônia Regina S. de Jesus Couceiro — Assistente Social



“**E**m cada botão de flor que se abre e em cada folha que cresce está escrita a mensagem: ‘Deus é amor’ (1 João 4:8). Os adoráveis pássaros que enchem o ar com seus alegres cantos; as delicadas flores que, com seu colorido perfeito, espalham o seu perfume pela atmosfera; as elevadas árvores da floresta com sua exuberante folhagem de um tom verde vivo — todas essas coisas expressam tanto o cuidado amoroso do nosso Pai Celestial quanto o desejo que Ele tem de tornar Seus filhos felizes.”¹

Foi por amor que Deus criou o mundo belo para o conforto e alegria dos seres criados, dentre os quais o homem, a obra-prima da criação.

Deus planejou a família. Projetou um lar ao primeiro casal. O modo de vida, a organização, os papéis de cada membro e o funcionamento dessa célula social, foi tudo planejado para uma vida feliz. A partir dessa célula, outros grupos sociais foram se ampliando e originando a sociedade.

A organização da sociedade se manteve basicamente pelo agrupamento de famílias. No entanto, fugindo ao plano original de

Deus, no qual as famílias cultivariam a terra e assumiriam sua própria subsistência, as relações sociais e econômicas foram sendo ampliadas e especializadas. Nesse processo do chamado “desenvolvimento socioeconômico”, as famílias passaram a ser servidas por terceiros, quer pelas relações primitivas de troca de produtos da terra ou manufaturados, quer pelo mundo do trabalho que cada vez se tornou mais sofisticado.

Gradativamente houve alteração nas relações sociais, e hoje observamos o mundo dividido em exploradores e explorados.

Toda essa questão vai muito além do que expusemos acima de forma simplificada e sintética; no entanto, podemos concluir que um dos principais fatores foi o homem ter se afastado de Deus, a Fonte do amor, para buscar a satisfação pessoal. Onde o egoísmo impera, não há lugar para o amor.

Os contrastes na sociedade saltam aos nossos olhos: de um lado, pessoas em habitações luxuosas, com todo o conforto, carro do ano, mesa farta e outras conquistas (nem sempre obtidas honestamente); e do outro, pessoas morando em barracos insalubres, em situação de risco de vida, vivendo em condições sub-humanas, sem perspectiva de melhoria, sem coragem para sonhar com dias melhores.

Dados estatísticos confirmam essa triste realidade.

Embora o Brasil esteja entre os dez países com o PIB (Produto Interno Bruto) mais alto, é o oitavo com o maior índice de desigualdade social e econômica do mundo.

Segundo o relatório da ONU (2010), as principais **causas** da desigualdade social são:

- Falta de acesso à educação de qualidade;
- Política fiscal injusta;
- Baixos salários;
- Dificuldade de acesso aos serviços básicos: saúde, transporte público e saneamento básico.²

“Em 2018, o país tinha 13,5 milhões de pessoas com renda mensal per capita inferior a 145 reais (ou 1,9 dólar por dia), critério adotado pelo Banco Mundial para identificar a condição de extrema pobreza. Esse número é equivalente à população da Bolívia, Bélgica, Cuba, Grécia e Portugal. Embora o percentual tenha ficado estável em relação a 2017, subiu de 5,8%, em 2012, para 6,5% em 2018, um recorde em sete anos.”³

Estudiosos da área social indicam que a solução está em instituir e consolidar a implantação de políticas públicas para diminuir as desigualdades e garantir direitos básicos previstos na legislação vigente à população em circunstância de vulnerabilidade social.

No entanto, observa-se não só em nosso País, mas ao redor do mundo, que líderes que assumem o poder através de diversos sistemas políticos como democracia, monarquia, ditadura etc., que têm a função de administrar os recursos públicos oriundos da arrecadação de impostos e taxas criados para esse fim, na maioria das vezes desviam os recursos para satisfação da sede de poder e de outros prazeres egoístas.

Consequimos analisar, entender e até explicar as causas e efeitos dessa lastimável situação, mas só isso não resolve. Ficaremos inertes, apenas como expectantes?

Como agir diante de cenário tão desesperador e desanimador?

Talvez, como os discípulos de Jesus fizeram, desejássemos pedir que desça fogo do Céu e acabe logo com tudo isso...

Sim, sabemos que as profecias apontam para esse desfecho, pelo fato de muitos rejeitarem o amor de Deus e Suas infinitas providências para a salvação.

No entanto, enquanto aqui estamos, é possível sermos usados por Deus para minimizar a dor de muitos. Sim, nós podemos ser instrumentos de transformação de vidas, de salvação, um cheiro de vida para vida! “Porque para Deus somos o bom perfume de Cristo” (2 Coríntios 2:15).

Sim, é possível fazer a diferença em nosso “pequeno mundo”, onde Deus nos permitiu viver e para onde Ele nos encaminha em missão. Sim, pela graça e poder de Deus, podemos ser um canal de bênçãos e impactar positivamente muitas vidas.

Há muitas histórias lindas que acompanhamos ao longo de nosso trabalho nessa área, mas por agora vou contar uma de que participei de modo indireto, e que teve um desfecho recente, o qual me impressionou muito.

Há muitos anos, os irmãos de uma cidade do interior de São Paulo decidiram abrir um pequeno grupo na área rural, pensando em alcançar vidas para Jesus. Uma família cedeu um salão em sua residência e começaram a convidar amigos e vizinhos para

estudar a Bíblia. Logo, uma escola sabatina filial foi estabelecida.

Dentre os visitantes, um adolescente foi impressionado pelas mensagens do advento e de saúde apresentadas naquele grupinho.

Uma dedicada irmã encarregou-se de buscá-lo e levá-lo em casa, pois morava um pouco distante.

Com o passar do tempo, laços de amizade foram criados e estreitados, e esse jovem, sentindo-se acolhido, foi abrindo o coração aos irmãos do grupinho. No projeto de vida dele, estudar e conseguir uma boa profissão era a prioridade número um. Sua situação de extrema pobreza era um obstáculo que parecia intransponível. Não conseguia sequer dinheiro de condução para ir à escola. Naquela região, os benefícios de passe gratuito para estudantes eram limitados ou inexistentes naquela época, e o sonho do garoto parecia impossível.

Um irmão se lembrou de que tinha duas bicicletas, e poderia disponibilizar uma para o garoto. Imagino o brilho nos olhos do jovem sonhador ao receber esse lindo presente, que seria a solução para o seu sonho de continuar os estudos!

O caminho para a escola era longo; a estrada, nada confortável, mas o jovem prosseguiu vencendo desafios, pois era grande seu desejo de estudar e conseguir uma profissão para melhorar de vida!

Com o passar do tempo, ele mudou de cidade e perdeu o contato com seus benfeitores.

Anos depois, num culto familiar de pôr do sol de sexta-feira, quando conversávamos sobre as bênçãos da semana, minha filha me contou a história de um técnico que fiscalizava o trabalho dela numa obra de construção civil, em uma estação de trem. Ficou impressionada por ele ter dito que determinados trabalhos que exigiam sua presença não podiam ser feitos no sábado, pois não trabalhava aos sábados. Então, ela ficou feliz e disse que também não trabalhava aos sábados.

Ele contou sua história de conversão, e depois, em outros momentos de pau-

sa, compartilhou sua história de vida. Com a ajuda de irmãos de um grupinho rural e através de uma bicicleta doada, hoje é um profissional especializado, num cargo importante de uma grande empresa estatal.

Pela descrição das pessoas e da mensagem de saúde, minha filha foi juntando as peças do quebra-cabeças, e a peça derradeira foi encaixada neste último Natal. Passamos esse feriado de 2019 naquele sítio, onde existia o pequeno grupo, e lá, em conversa, tivemos a prova: O irmão que havia doado a bicicleta ficou muito comovido ao saber do final feliz! O jovem tornara-se um grande profissional, melhorando sua condição de vida e aceitara a mensagem do advento! A cidade atual do rapaz fica a mais de 100 km do local do pequeno grupo. Os anos se passaram, mas a semente lançada frutificou.

Teremos muitas surpresas como essa lá no Céu ao ver pessoas eternamente salvas para Jesus, por intermédio de nosso trabalho desinteressado.

Não importam as desigualdades sociais, o cenário mundial de fome, miséria e injustiças. Enquanto estivermos no mundo, devemos ser a luz do mundo. Sim, podemos ainda aliviar sofredores e participar de ações e missões que transformam vidas!

Que Deus nos habilite para isso! Trabalhemos com amor e fé até a breve volta de Jesus! Maranata! ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. WHITE, Ellen. *Como encontrar a paz interior*. Itaquaquecetuba-SP: Edições Vida Plena (2019), p. 2.
2. BEZERRA, Juliana. *Desigualdade Social no Brasil*. Disponível em: <<https://bit.ly/36eStDK>>. Acessado em 22 jan. 2020.
3. NERY, Carmen. *Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos*. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <<https://bit.ly/2RGH0Hz>>. Acessado em 19 jan. 2020.

Amai-vos!

Pr. Oziel Cunha Fernandes –

Líder dos Departamentos de Assistência Social e de Jovens da União Sul

Na condição de seguidores de Cristo, devemos viver pacificamente com outras pessoas que não compartilham de nossos valores ou não aceitam os ensinamentos sobre os quais nos fundamentamos.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que coloca em pauta o “respeito universal e observância dos direitos humanos e liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião”. O ideal foi reforçado em 1999, ano em que líderes budistas, protestantes, católicos, cristãos ortodoxos, judeus, muçulmanos e de várias outras religiões se reuniram para assinar o Apelo Espiritual de Genebra. O documento pedia aos líderes políticos e religiosos algo simples: a garantia de que a religião não fosse mais usada para justificar a violência.¹



Apesar do Apelo Espiritual de Genebra, o que vemos em vários países são pessoas matando e morrendo por causa da desigualdade religiosa. Em locais onde o pluralismo religioso é uma característica marcante, o que não falta é desigualdade religiosa, que muitas vezes leva pessoas ao extremo da intolerância. Na condição de cristãos, como podemos conviver com essa desigualdade quando o propósito da religião é

ligar o homem a Deus e, consequentemente, ao próximo?

Nos últimos dias de Seu ministério terrestre, Jesus deu a Seus discípulos o que chamou de “um novo mandamento” (João 13:34). Esse mandamento, repetido três vezes, era simples, mas difícil: “Que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei” (João 15:12; ver também o versículo 17). O ensinamento de amar uns aos outros foi

um dos mais importantes do ministério do Salvador. O segundo grande mandamento foi “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39). Jesus ensinou também: “Amai a vossos inimigos” (Mateus 5:44). Mas o mandamento de amar ao próximo como a nós mesmos foi para Seus discípulos — e é para nós — um desafio ímpar.

Por que é tão difícil sentir amor cristão uns pelos outros? É porque temos de viver entre pessoas que não compartilham de nossas crenças, nossos valores e estilo de vida. Em Sua grande Oração Intercessória, feita pouco antes de Sua crucificação, Jesus orou por Seus seguidores: “Dei-lhes a Tua Palavra, e o mundo os odiou, pois eles não são do mundo, como Eu também não sou” (João 17:14). Depois, rogou ao Pai: “Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do maligno” (versículo 15).

Temos de viver no mundo, mas não pertencer ao mundo. Jesus deixou claro em Sua oração sacerdotal que quem aceitar Sua Palavra se tornará motivo de ódio para os descrentes. Temos de viver no mundo porque, como ensinou Jesus numa parábola, Seu reino é “semelhante ao fermento”, cuja função é levedar toda a massa com sua influência (ver Lucas 13:21; Mateus 13:33 e 1 Coríntios 5:6–8). Seus seguidores não podem fazer isso se as únicas pessoas com quem se relacionam compartilham de suas crenças, seus valores e costumes.

Apesar da desigualdade religiosa ser motivada pela convicção bíblica, não devemos corresponder aos ataques dos que não aceitam os ensinamentos da Palavra de Deus. A Bíblia ensina que “os sábios apaziguam” (Provérbios 29:8). Os apóstolos ensinaram que devemos “[promover] [...] tudo quanto conduz à paz” (Romanos 14:19) e “[seguir] a verdade em amor” (Efésios 4:15), “porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tiago 1:20).

Mesmo ao procurar ser mansos e viver em paz com todos, não devemos fazer concessões ou diminuir nosso compromisso com a verdade que compreendemos. Não

devemos renunciar à nossa condição e aos nossos valores. O evangelho de Jesus Cristo e o compromisso que fizemos com a verdade bíblica nos colocam inevitavelmente como combatentes na eterna disputa entre a verdade e o erro. Não há terreno neutro nessa batalha.

“Entre as leis de homens e os preceitos de Jeová, travar-se-á a maior batalha da controvérsia *entre a verdade e o erro*. Nessa batalha, estamos agora entrando, não num combate entre igrejas rivais lutando pela supremacia, mas entre a religião da Bíblia e as religiões de fábulas e tradição. As instrumentalidades que se têm unido contra a verdade estão agora ativamente em operação. A santa Palavra de Deus, que tem chegado até nós ao preço tão alto de sofrimento e derramamento de sangue, é tida em pouco valor. Poucos há que realmente a aceitam como regra da vida. A infidelidade prevalece em medida alarmante, não apenas no mundo, mas na igreja. Muitos têm chegado a negar doutrinas que são colunas da fé cristã. Os grandes fatos da criação como apresentados pelos escritores inspirados; a queda do homem, a expiação, a perpetuidade da lei — eis aí doutrinas praticamente rejeitadas por grande parte do professo mundo cristão.”²

O Salvador mostrou o caminho quando Seus adversários O confrontaram com a mulher que tinha sido “apanhada, no próprio ato, adulterando” (João 8:4). Quando foram envergonhados por sua própria hipocrisia, os acusadores se retiraram e deixaram Jesus a sós com a mulher. Ele a tratou com bondade, deixando de condená-la naquele momento. Mas também a orientou com firmeza, dizendo: “Não peques mais” (João 8:11). Bondade amorosa é importante, mas um seguidor de Cristo, assim como o Mestre, será firme na verdade.

Como o Salvador, Seus seguidores frequentemente se defrontam com comportamentos pecaminosos, e hoje, às vezes, são chamados de “fundamentalistas” ou “fanáticos” quando defendem o certo e lutam

contra o erro, conforme o entendimento bíblico. Muitas práticas e muitos valores mundanos apresentam esses desafios para os filhos de Deus. Hoje em dia, o casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil e em muitos outros países do mundo é legalizado, e até algumas religiões ditas cristãs estão defendendo essa prática. Vivemos também entre pessoas que não acreditam de maneira alguma no casamento. Outras se opõem a quaisquer restrições contra a pornografia ou as drogas. Outro exemplo conhecido da maioria dos fiéis é o desafio de viver com um cônjuge ou um familiar descrente, ou a tentação de relacionar-se com colegas de trabalho que tenham outras crenças.

Em lugares que foram dedicados para o ensino bíblico, como os templos — e o nosso próprio lar —, devemos ensinar a verdade e os mandamentos de maneira clara e completa, como se encontra na Palavra de Deus. Nosso direito de fazer isso é protegido por garantias constitucionais de liberdade de expressão e liberdade religiosa.

Sobre a desigualdade religiosa, todos nós deveríamos seguir os ensinamentos do evangelho, de amar ao próximo e evitar a discórdia. Os seguidores de Cristo devem ser exemplos de civilidade. Devemos amar todas as pessoas, ser bons ouvintes e mostrar respeito por suas crenças genuínas. Embora discordemos, não devemos ser desagradáveis. Nossa posição e comunicação em assuntos controversos não devem ser contenciosas. Devemos ser sábios ao explicar e seguir nossos padrões e em exercer nossa influência. Dessa forma, pedimos que os outros não se ofendam com nossas sinceras crenças religiosas e o livre exercício de nossa religião. Incentivamos todos a praticar a Regra de Ouro do Salvador: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que lhes façam” (Mateus 7:12).

O ambiente mais importante para abs-ter-se da discórdia e praticar o respeito pelas diferenças é o lar e os relacionamentos familiares. Diferenças são inevitáveis — al-

Apesar da desigualdade religiosa ser motivada pela convicção bíblica, não devemos corresponder aos ataques dos que não aceitam os ensinamentos da Palavra de Deus. A Bíblia ensina que “os sábios apaziguam” (Provérbios 29:8).

gumas grandes, outras pequenas. Quanto às grandes diferenças, vamos supor que um membro de sua família esteja numa relação ilícita com alguém. Isso coloca dois valores importantes em conflito: nosso amor pelo membro da família e nosso compromisso com os mandamentos. Seguindo o exemplo do Salvador, podemos mostrar bondade amorosa e ainda ser firmes na verdade, abstendo-nos de ações que facilitem, por um lado, ou pareçam hostilizar, por outro, quem sabemos estar em erro.

Por mais difícil que seja viver num mundo tão desigual, o mandamento do Salvador, de amar uns aos outros, é provavelmente nosso maior desafio. Oro para que compreendamos isso e procuremos vivê-lo em todos os nossos relacionamentos e todas as nossas atividades, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 SOARES, Jessica. *Sete conflitos atuais causados por diferenças religiosas*. Revista Superinteressante. São Paulo: Abril Cultural. Artigo publicado em 8 out. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/30I9cxY>>. Acessado em 22 jan. 2020.
- 2 *Profetas e reis*, p. 625.

Vivendo em tempo de liberdade religiosa

Michelle Martins Custódio Guidini – Advogada



Na igreja, estamos sempre ouvindo alguém citar o tema da liberdade religiosa, principalmente nos incentivos missionários:

— Vamos aproveitar enquanto temos liberdade religiosa!

Normalmente, não dedicamos tempo para estudá-lo, conhecer sua essência, os benefícios que temos em virtude desse direito e até onde se estende seu limite.

Entendendo o Direito à Liberdade Religiosa

O Direito à Liberdade Religiosa aparece em vários artigos de lei, inclusive na Declaração dos Direitos Humanos, com o intuito de evitar a segregação, a discriminação e até mesmo a violência. Ele foi assegurado como um dos direitos fundamentais do ser humano.

O direito à livre expressão das crenças religiosas é uma forma de apreço e respeito pela multiplicidade de convicções, bem como pelas pessoas que pensam de forma diferente.

A liberdade religiosa abrange outras liberdades, tais como as de crença, de culto, de organização religiosa e de expressão. Tais liberdades compreendem os direitos de escolha da religião, de não aderir a religião alguma e de ser ateu.

A liberdade de culto inclui a faculdade de orar e praticar atos próprios das manifestações exteriores em casa ou em locais públicos. Quando a manifestação de fé for realizada em local público, é prudente obter prévia autorização dos administradores locais.

Em 19 de outubro de 2004, os 58 paí-

ses membros das Nações Unidas adotaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em diversos de seus artigos, ela trata sobre o assunto religioso, e no artigo 18 traz a liberdade de opinião e de religião ao citar que “todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”. Os artigos de número 19 e 20 também são relacionados à Liberdade Religiosa.

A evolução da liberdade religiosa

Ao longo da história, o direito à liberdade de religião sempre esteve presente em diferentes graus de abrangência. Mas, tal prerrogativa sofreu privações em alguns países durante a Antiguidade, a Idade Média e a Moderna. Há relatos de vários casos de intransigência, intolerância, discriminação e até violência relacionados a questões religiosas.

Normalmente, essa limitação acontecia por meio de uma legislação repressiva. Na prática, eram aplicados impostos, tributação punitiva e a privação de direitos políticos.

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, a principal lei do ordenamento jurídico do nosso País, estabelece os direitos e garantias fundamentais, também chamados de “cláusula pétrea”, ou seja, que não podem ser alterados. Entre eles está o direito à liberdade religiosa (art. 5º, VI a VIII, da CF/88).

O texto da lei nos diz que:

VI- “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

VII- “É assegurado, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”.

VIII- “Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de

convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei”.

O que é um Estado laico?

Temos o privilégio de ter garantido um vasto direito à liberdade religiosa pelas leis do nosso País, compreendendo a liberdade de crença e convicção, por se tratar de um Estado laico. A laicidade representa a separação entre a religião e o Estado, onde a atividade religiosa não se confunde com este, tornando-o neutro em matéria de crença religiosa. Significa uma autonomia das liberdades religiosa e de consciência, sem a intromissão do Estado.

Por se tratar de um país laico, os órgãos do governo têm o compromisso de promover a diversidade, buscando respeitar a pluralidade sem beneficiar nenhuma religião, pois as mais diversas religiões merecem igual consideração e profundo respeito.

Os órgãos do governo, além de promover o respeito à diversidade religiosa, lutam para suprimir a intolerância. Faz parte da igualdade de direitos ter a garantia ao livre exercício das mais diversas crenças ou da ausência de fé.

A garantia da liberdade religiosa faz parte da história constitucional brasileira porque nem sempre o nosso País foi laico. Na primeira Constituição, de 1824, foi definida a Igreja Católica Apostólica Romana como a religião oficial do País. Dessa forma, as demais religiões só tinham garantido o direito de praticar o culto doméstico. O Brasil se tornou um país laico por meio do decreto 119-A, de Rui Barbosa, onde ocorreu a separação entre Igreja e Estado, e passou a existir a liberdade de culto. A primeira Constituição brasileira a amparar o direito à liberdade religiosa foi a promulgada em 1891.

Como vivemos num mundo em constante mudança, há vários desafios relacionados à laicidade, mesmo quando não há

dúvidas de que a autonomia das esferas política e religiosa faz parte da democracia.

O grande desafio dos Direitos Humanos em relação à laicidade se refere à tolerância, que implica em respeitar pensamentos diferentes no tocante à religião, porque a igualdade de direito compreende que ninguém deve ser discriminado. É claro que respeitar o diferente não é o mesmo que concordar com tais pensamentos e atitudes. Devemos agir como Cristo, que amava o pecador ao mesmo tempo em que abominava o pecado.

Não queremos ser vistos como inimigos do nosso próximo; então, devemos vigiar para não cometermos intolerância contra a opinião, o pensamento e a crença do outro. Jesus, quando esteve aqui na Terra, não discriminou ninguém. Esse é um grande princípio dos Direitos Humanos, mas a preocupação com o diferente e com a discriminação/intolerância é muito antiga. O próprio Cristo nos ensinou que precisamos amar o próximo ao nos apresentar o amor como o maior mandamento, dizendo-nos: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39, ú. p.).

Devemos nos lembrar de que, para a maioria das pessoas, nós, os Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma, somos muito diferentes em diversas áreas, e não queremos ser alvo de intolerância devido à nossa crença. Estamos sempre orando e lutando pela garantia dos direitos iguais, pois a verdadeira igualdade foi ensinada por Cristo e está registrada em Mateus 7:21, onde diz: “Portanto, tudo quanto quereis que as pessoas vos façam, assim fazei-o vós também a elas”.

Observamos então que, de acordo com as leis brasileiras, em virtude da liberdade religiosa, devemos respeitar e fazer o bem a todos que possuem uma fé diferente da nossa, especialmente porque temos o dever de amar e respeitar a todos, pois este é um mandamento divino.

Ao pensarmos sobre tolerância e intolerância, devemos ter em mente a prudência, pois esta favorece uma pacífica convivência

em sociedade. Apesar de ser um posicionamento dos juristas, ela não é novidade para nós; a própria Bíblia está repleta de conselhos para sermos prudentes.

“Quão melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro, e quão mais excelente é adquirir a prudência do que a prata” (Provérbios 16:16).

No decorrer da Bíblia, temos o exemplo de líderes que foram prudentes e alcançaram o que buscavam. Há também uma importante promessa, registrada em Isaías 52:13, a qual se estende a nós: “Eis que o Meu servo procederá com prudência, será exaltado, elevado, e mui sublime”.

A liberdade religiosa abrange várias separações do Estado com relação à igreja, que implicam em todas as nossas atitudes práticas do dia a dia, tais como registro de nascimento, de casamento, de óbito, bem como o cemitério e a educação (principalmente a fornecida pela escola pública). Tudo isso demonstra que todos os momentos da nossa vida, do nascimento à morte, estão sob a moldura da laicidade.

Quando o Brasil adotava a Igreja Católica como sua religião oficial, todos os documentos públicos ficavam sob a responsabilidade dessa instituição. No âmbito eclesiástico é que eram realizados os registros de nascimento, casamento e óbito; ou seja, toda pessoa ficava refém da Igreja para possuir os documentos necessários ao cidadão. Até os cemitérios pertenciam à Igreja e apenas quem professava a fé católica podia ser sepultado neles.

A necessidade de a igreja ser independente do Estado, como é hoje, está em consonância com o discurso de Jesus, quando em Mateus 22:21 disse: “Então deem a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus”.

Mesmo sendo um país laico, onde a liberdade religiosa é um de seus direitos fundamentais, há diversos relatos de intolerância, alguns dos quais geraram até agressões.

A liberdade religiosa nos garante o direito de praticar várias atividades, inclusive a de pregar o evangelho sem sermos per-

seguidos. Também nos dá o direito de recusar a participação em atividades que sejam contrárias à nossa fé ou que contrariem as normas do dia que consideramos sagrado, o sábado. Temos muitas garantias com esta liberdade, mas devemos nos lembrar de que nossos atos não podem ofender a moral pública e as leis, pois toda liberdade tem limites.

Por que precisamos ter cautela?

Devemos ter cautela em nossas ações e palavras, inclusive na internet, para não correremos o risco de vestir a couraça da liberdade religiosa e acabarmos ferindo alguém, pois isso é muito sério.

Ultimamente, temos presenciado algumas decisões do governo, que deram origem a novas leis fundamentadas na liberdade religiosa, que têm beneficiado a todos nós, guardadores do sábado, e isso é motivo para sermos gratos.

Sempre temos presenciado ou vivido situações muito difíceis na jornada acadêmica em virtude de aulas, provas e atividades escolares nas noites de sexta-feira ou sábados durante o dia. Nem sempre era possível resolver tal problema sem prejuízo acadêmico para o estudante.

Em janeiro de 2019, foi sancionada a Lei 13.796, que altera a lei de Diretrizes e Bases da Educação, acrescentando nela o art. 7º A, que garante aos alunos de instituições públicas ou privadas, em qualquer nível, o direito de terem sua consciência, fé e vontade respeitadas, e de faltarem a aulas, provas ou atividades marcadas para o dia sagrado, o qual, para nós, é o sábado. Contudo, essa lei não se aplica às instituições de ensino militar.

Essa é uma lei que muito beneficia nossos estudantes, mas, por outro lado, pode gerar alguns transtornos para as instituições. Então, é necessário um tempo para elas se adequarem. Foi estipulado em lei o prazo de até dois anos para que as instituições de ensino se adaptem a tal novidade.

A impossibilidade de participar de atividades acadêmicas em dia religioso

precisa ser comunicada previamente à instituição, que decidirá quando e como a comunicação deve ocorrer. Também é a instituição que decide qual prestação alternativa será aplicada ao aluno no lugar da atividade marcada para dia sagrado, sem custo para este.

Outra grande conquista, ou avanço, no meio acadêmico, em virtude da liberdade religiosa, é a realização da prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em dois domingos, ao invés de sábado e domingo sequenciais, desde 2017.

A caminhada para tomar posse desse direito garantido não foi fácil. Somos uma classe minoritária, mas foi possível porque Deus esteve à frente. E como o Ministro da Educação da época, Mendonça Filho, disse em um de seus discursos, os candidatos sabatistas enfrentavam “condições sub-humanas”.

Devemos aproveitar esta oportunidade de viver em um país que nos garante a liberdade religiosa e de culto para estarmos presentes à igreja, para contribuir com a pregação do evangelho e abreviarmos a volta de Cristo. Temos o direito, pela liberdade religiosa, e o dever, por sermos missionários no reino de Deus, de levar Sua mensagem a outras pessoas. Não devemos diminuir nenhuma religião para apresentar o que cremos e em quem cremos. Este é um dos limites que nos é apresentado pela liberdade religiosa, o qual também recebe apoio dos ensinamentos de Jesus.

Não vamos nos esquecer de que nosso exemplo tem mais eficácia do que nossas palavras. Assim, é bom atentarmos ao pensamento que diz: “Pregue a todo instante e, quando necessário, utilize palavras”.

Não sabemos até quando teremos essa tão importante liberdade; então, não vamos deixar para ser cristãos melhores amanhã; realizemos nossa missão diariamente. Sabemos que dias difíceis se aproximam, mas podemos aproveitar enquanto temos liberdade de crença, culto e expressão. ■

3 de maio — Domingo

A universal bondade de Deus



Pr. Antônio Machado de Souza – Sociólogo e Pedagogo

Dissertaremos sobre a abrangência universal do amor de Deus. Ainda que não seja nosso propósito dissecar à exaustão esse incompreensível amor, focaremos, entretanto, em algumas características evidentes de um amor universal sem paralelo. Também trataremos da necessidade humana de experimentar tão incomensurável amor no íntimo, bem como nas relações interpessoais ao tratar com os iguais/diferentes, de modo a extirpar todo tipo e forma de preconceito, visando evitar a segregação social e os estereótipos responsáveis por toda a sorte de intolerância e até mesmo de genocídio.

Ao estudarmos a Palavra de Deus, nos deparamos a todo tempo com inúmeras manifestações de um amor que não conhece qualquer distinção de raça, casta social ou credo religioso. Amor que não julga pelo biotipo ou genótipo, ou pelo padrão socialmente construído a partir de um tecido social estabelecido com o objetivo de nortear o comportamento humano.

Na Palavra de Deus, há diretrizes da psicologia social que, se observadas, teriam evitado o exclusivismo religioso e as barreiras sociais que se interpuseram como um hiato intransponível para a sociedade judaica em relação às demais nações. Em Sua onividência e onisciência, o Senhor ordenara a Moisés, o grande legislador e expoente da sociedade judaica, a forma humanística para a justiça social quando disse:

“Pois o senhor, vosso Deus, é Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, **que não faz acepção de pessoas**, nem aceita suborno” (Deuteronômio 10:17, grifo nosso).

A Moisés, o grande constituinte e cientista social, ator principal da legislação que deveria nortear as relações da política social

do Estado hebraico, foi declarado: “O rico e o pobre se encontraram; a um e a outro fez o Senhor” (Provérbios 22:2). Fossem essas diretrizes de caráter humanístico levadas em conta, e a sociedade judaica estaria imunizada contra qualquer tipo de injustiça social. A isonomia paritária legalmente constituída salvaguardaria os direitos individuais e coletivos do cidadão, evitando todo tipo de opressão e demérito que dividem as pessoas em grupos sociais regidos por normas para a autodefesa irracional, constituindo, assim, um injustificável fruto da generalização simplista.

Todas as garantias ao direito à igualdade, embora de maneira tácita, estariam asseguradas, pois Deus disse ainda: “A mesma lei e o mesmo rito haverá para vós outros e para o estrangeiro que mora convosco” (Números 15:16). Portanto, todos seriam iguais perante a lei, fazendo da sociedade judaica um exemplo de justiça social e empatia, uma vez que o seu Deus é o Deus “que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes” (Deuteronômio 10:17). Ao praticarem essas medidas assistenciais aos menos favorecidos,

a fome e a pobreza extrema não existiriam em seu país, pois o Senhor ainda ordenara: “Quando, no teu campo, segares a messe e nele esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, o órfão e a viúva será; para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em todas as obras das tuas mãos” (Deuteronômio 24:19).

Ao deixarmos o Antigo Testamento para entrarmos no Novo, percebemos que essas diretrizes básicas imprescindíveis para que se tenha uma sociedade saudável, isenta de anomia social, persistem ainda em maior intensidade. Portanto, essa verdade elementar é materializada inclusive na lição da parábola do “Bom Samaritano”, conforme se encontra no capítulo dez do Evangelho de Lucas. Ali, o Senhor Jesus, o maior Humanista que este mundo já conheceu, o Mentor intelectual do povo israelita, fez a clara exposição dessas verdades universais, que Lucas nos reporta nas seguintes palavras:

A parábola do Bom Samaritano

“E eis que se levantou certo doutor da lei e, para O experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, prossequindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão; e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pon-

do-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar. Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faze tu o mesmo.”

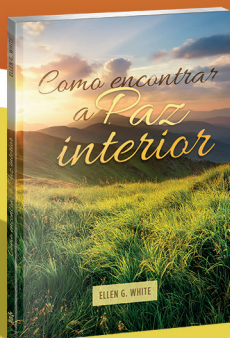
Antes de finalizar o presente artigo, gostaria de ressaltar ao prezado leitor a verdade do amor universal de nosso Pai Celeste. Amor esse que deve ser retratado na vida prática dos filhos de Deus. Meditemos ainda na declaração paulina, que diz: “Porque para com Deus não há aceção de pessoas” (Romanos 2:11). E prossegue: “Fazei o bem a todos, mas especialmente aos domésticos da fé”.

Justamente por vivermos em uma sociedade tipicamente desigual, onde impera a injustiça social sedimentada pela concentração de renda e acumulação de capital, quando os dados do IBGE na amostragem por domicílio para o ano 2018 constatarem que apenas 1% da população mais bem remunerada tem rendimento 39% maior que o ganho dos 50% mais pobres, necessitamos ter um olhar mais voltado para a necessidade dos nossos semelhantes menos favorecidos.

Estimado leitor, permanecemos orando para que o Espírito de Deus remova todo o egoísmo de nosso coração, de modo a fortalecermos as mãos daqueles que mais necessitam de nosso auxílio. Deixo aqui a exortação do Espírito de profecia nas palavras de Ellen White:

“As contribuições exigidas dos hebreus para fins religiosos e caritativos montavam uma quarta parte completa de suas rendas. Uma taxa tão pesada sobre os recursos do povo, poder-se-ia esperar que os reduzisse à pobreza; mas, ao contrário, a fiel observância desses estatutos era uma das condições de sua prosperidade.”⁷

Os melhores materiais missionários



Paz Interior

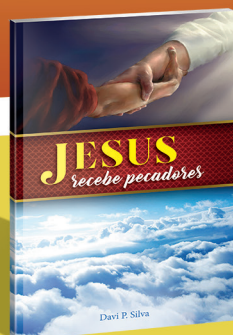
Este livreto já levou a luz de Cristo a milhões de pessoas, e se depender de você, ainda continuará espalhando a semente. Com nova tradução em português contemporâneo, a mensagem ficou ainda mais fácil de ser entendida.



Futuro Decifrado

Com o objetivo de melhorar a situação internacional, os líderes mundiais fazem planos e mais planos. Contudo, por melhores que sejam, os planos mundiais não se cumprem quando não estão em harmonia com o propósito de Deus.

O desenrolar dos acontecimentos está sob o controle dEle, e este livreto revela o que Ele trouxe à luz mediante as profecias bíblicas.



Jesus Recebe Pecadores

No capítulo 15 do evangelho de Lucas encontra-se a sessão de “achados e perdidos” da Bíblia. Ali existem três ilustrações de diferentes tipos de pecadores, e cada história termina com um final feliz, revelando que o amor de Deus é imensurável, e que nenhum pecador que queira ser salvo está fora do alcance da misericórdia divina.

Por apenas
R\$ 1,00
+ frete

Livros de bolso
(brochura, 96 páginas)

Peça já na sua associação

